

GESTÃO FINANCEIRA EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: UM ESTUDO NAS EMPRESAS DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ-SC¹

Glauciane Pavão de Oliveira²

Leossania Manfroí³

Iselda Pereira⁴

Elton Zeni⁵

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo principal identificar os procedimentos adotados na gestão financeira das Micro e Pequenas Empresas do Município de Chapecó, SC. O método de estudo foi o indutivo, o nível de pesquisa foi à descritiva. Quanto ao delineamento, foi classificado como Levantamento ou *Survey*. O instrumento de coleta de dados adotado foi um questionário, a população do estudo foi representada pelas empresas do segmento de comércio, Indústria e Prestação de Serviços, a amostra foi representada por vinte e cinco empresas. Os dados foram analisados de forma quantitativa. Os resultados indicam que as empresas estão com um ciclo de vida favorável para sobreviver no mercado, apesar das falhas gerenciais possuem gestores com formação acadêmica e alguns capacitados na gestão financeira. Em relação aos procedimentos de gestão financeira, verifica-se nas empresas que, os controles básicos de um sistema são mais utilizados, como o controle de patrimônio e estoque, análise de capital de giro, a análise de crédito, além da pouca utilização das demonstrações financeiras, deixam de tirar proveitos em ferramentas como, planejamento, avaliação de investimentos, indicadores, entre outros. Sabendo que, um processo de gestão estruturado e gestores qualificados agregam valores para a organização, conduzindo ao cumprimento da missão para a qual foi constituída, a adaptabilidade e o equilíbrio necessário para continuidade da mesma.

Palavras-chave: Empresas. Ferramentas de Gestão. Análise.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, uma das vantagens competitivas dos gestores é transformar conhecimentos, estar sempre em busca de informações relevantes e utilizar instrumentos eficazes que lhe traga maior segurança em suas operações, pois, saber planejar, controlar e administrar os negócios torna favorável para a sobrevivência da organização, a fim de que possa atingir seus objetivos. Portanto, para as empresas ter uma boa gestão financeira segundo SEBRAE (2015) é necessário ir além dos controles internos, devendo realizar análises,

¹ Artigo científico apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista em MBA em Gestão Financeira e Custos, UCEFF (2017).

² Aluna do MBA em Gestão Financeira e Custos da UCEFF; Graduada em Ciências Contábeis. E-mail: glaucyanepavao@gmail.com.

³ Orientadora do MBA em Gestão Financeira e Custos da UCEFF. E-mail: leossania@uceff.edu.br

⁴ Revisora do artigo. Professora da UCEFF. E-mail: iselda@uceff.edu.br

⁵ Revisor do artigo. Professor da UCEFF. E-mail: elton@uceff.edu.br

diagnóstico e o fazer um acompanhamento da situação financeira, os quais possibilitam aos sócios e proprietários ter uma visão futura nos negócios da empresa.

Para tomada de decisões futuras, segundo Junior, Rigo e Cherobim (2002, p. 532), o planejamento financeiro “contribui para definir objetivos e fixar padrões de avaliação de resultados, transformando-se em ferramenta para estudos de viabilidade do planejamento da empresa [...]”. Sendo de grande relevância para o gestor, pois, o orçamento financeiro quantifica as ações da empresa, onde é feita uma elaboração de estimativa futura, tanto operacional, de investimentos e financiamentos, ou projeções de demonstrações contábeis.

Para Junior (2002), as funções principais da administração financeira são as decisões estratégicas, como a seleção de alternativas de investimentos, a gestão de fluxo caixa, decisões de financiamento, planejamento financeiro e orçamentário, controle, análise de crédito, operações bancárias e o gerenciamento de risco, entre outras. Portanto, antes de ser tomada qualquer decisão, é necessário que os gestores analisem a forma mais vantajosa e escolham alternativas ou ações mais atrativas para a empresa.

Diante do exposto questiona-se: **Como a gestão financeira auxilia na tomada de decisão em micro e pequenas empresas do município de Chapecó-SC?**

O estudo tem como objetivo identificar quais os procedimentos adotados na gestão financeira das empresas do Município de Chapecó, SC. Pois, servindo como ferramenta de apoio à gestão das Micro e Pequenas Empresas, as demonstrações contábeis, a análise, o planejamento e o controle das atividades, auxiliam nos procedimentos, nas ações e na tomada de decisão da administração. Assim, justifica-se seu conhecimento pelos gestores, tanto para auxílio de suas pesquisas como para contribuir na melhoria do desenvolvimento e crescimento profissional e da organização.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GESTÃO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

A gestão, sendo um conjunto de normas e ações que orientam o processo administrativo da organização, é também a atividade responsável em conduzir ao desenvolvimento, a qualidade e em alcançar os resultados desejados pela empresa, por isso na concepção de Lacombe e Heilborn (2003) elas devem ser administradas com visão globalizante, considerando

o mercado, a cultura, os valores e os costumes locais. Segundo Pacheco, et al. (2013) a gestão do conhecimento não é só investir em tecnologia ou gerenciamento da inovação, é necessário que o gestor possua conhecimentos e tenha uma visão empreendedora dos seus objetivos e quais estratégias adotar para alcançá-los, aumentando a percepção organizacional e a capacidade de inovação.

Devido à maioria Microempresas serem administradas pelo proprietário, ou serem de empresa familiar, muitas não possuem pessoas qualificadas e com habilidades necessárias de gerenciamento, nem mesmo um sistema de gestão adequado para tomar decisões objetivas. Conforme Portal Brasil (2015), quase 80% das empresas no Brasil e no mundo são consideradas familiares, ou com origens familiares, sendo que até o momento no Brasil apenas 25% das empresas familiares consegue passar o negócio para outra geração e menos de 10% para a quarta geração, pois, acabam surgindo interações familiares provocando serias particularidades na atuação da empresa, tornando-a diferente das demais. Para que seja bem sucedida, este tipo de empresa, de acordo com SEBRAE (2011), ela deve ser planejada desde o início, havendo desde os proprietários a seus herdeiros uma preparação antes de quaisquer negócios, analisando tanto as questões de direito tributário, societário e de família.

Sendo uma fonte produtiva em transformar os conhecimentos em vários campos, a gestão, segundo o autor Nobrega (2004, p.15), auxilia as inovações nos seus efeitos futuros, sendo que a “gestão começa como uma forma de imaginar o mundo. Sempre que temos de tomar iniciativas para gerar resultados precisamos de gestão”. De acordo com Santos (2005) a gestão está envolvida em três dimensões, sendo em dimensão operacional, onde a responsabilidade do gestor é avaliar as operações; dimensão econômica visa à avaliação econômica dos recursos consumidos e dimensão financeira a qual provem das atividades, prazos de pagamentos, recebimentos de valores, juros. Garantindo assim, os gestores tomar decisões corretas além de contribuir no aperfeiçoamento, e desenvolvimento da organização, seja ela de pequeno, médio ou de grande porte. Conforme Catelli, (2009), o processo de gestão deve possuir uma estrutura lógica do processo decisório, ou seja, analisar as fases de planejamento, execução e controle das atividades da empresa; Ser suportado por um sistema de informação que auxiliem nas decisões que ocorrem em cada uma dessas fases.

2.2 GESTÃO FINANCEIRA DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Sendo procedimentos e ações da administração, conforme Santos (2001), a gestão financeira das empresas envolve a análise, o planejamento e o controle das atividades, com o objetivo administrar melhor os recursos financeiros a fim de obter bons resultados, aumentar lucros além de estar criando valores da empresa no retorno de seus investimentos. Para Junior (2002), as funções principais da administração financeira abrangem as decisões estratégicas, como a seleção de alternativas de investimentos, a gestão de fluxo caixa, decisões de financiamento de longo prazo ou curto prazo, planejamento financeiro e orçamentário, controle, previsões, análise de crédito, cobrança, operações bancárias e o gerenciamento de risco, entre outras.

Sendo que, uma das formas de obter sucesso ou fracasso é a forma em que são conduzidas as finanças da empresa. Porém, para que uma empresa preserve a sua saúde financeira é necessário administrar corretamente os recursos destinados a ela, na concepção de Matarazzo (2010), a necessidade de capital de giro além de ser fundamental para sua avaliação financeira, também é importante para definir melhores estratégias na utilização de recursos bancários, no crescimento, desenvolvimento e obtenção de lucros. Um dos pontos fundamentais a analisar é a política de crédito, segundo Junior, Rigo e Cherobim (2002), são utilizadas diretrizes conhecidas como os 5 “C” do crédito: o caráter, a capacidade, o capital, o colateral e as condições. Devendo a empresa também se preocupar com procedimentos de controles internos, como controles de estoque, custos diretos e indiretos, receitas e despesas, entre outras. Quanto a utilização dos custos no processo de formação de preço, na concepção de Rodrigues (2013), a formação do melhor preço de venda é fundamental para competir no mercado atual e a gerar lucros de modo que o método utilizado recupere todos os custos absorvidos pelo produto, os tributos, assim como o valor das despesas operacionais, contemplando o lucro almejado.

Para Ching, Marques e Prado (2010), planejar significa tomar decisões antecipadas, a qual consiste ter opção de escolha e assim controlar os possíveis resultados. Segundo os autores em um processo de planejamento existem três níveis de decisão: O Planejamento Estratégico, o qual diz respeito a tudo que se refere às relações entre a empresa e seu ambiente, o qual define a missão, os pontos fortes e fracos, as ameaças e oportunidades, e o estabelecimento das estratégias a seguir no longo prazo; O Planejamento Tático estrutura os recursos de maneira adequada às estratégias estabelecidas, e; O Planejamento Operacional, está ligado na obtenção dos objetivos e metas em nível operacional de curto prazo.

Segundo Junior, Rigo e Cherobim (2002, p. 532), o planejamento financeiro “contribui para definir objetivos e fixar padrões de avaliação de resultados, transformando-se em ferramenta para estudos de viabilidade do planejamento da empresa [...]”. Já de acordo com Ching, Marques e Prado (2010) serve para acompanhar e comparar a situação real com a orçada, sendo de grande relevância quantifica as ações da empresa, onde é feita uma elaboração de estimativa futura, tanto operacional, de investimentos, financiamentos, ou projeções de demonstrações contábeis. Portanto, antes de ser tomada qualquer decisão, é necessário que os gestores analisem a forma mais vantajosa e escolham alternativas ou ações mais atrativas para a empresa. Por exemplo, na hora de fazer um investimento, utilizar métodos quantitativos, realizar projetos de investimentos a fim de obter benefícios, lucros e redução de custos, tanto na compra de máquinas e equipamentos, terrenos, direito da utilização de marcas, entre outras. Assim como escolher e analisar as fontes de financiamento a serem utilizadas pela empresa, observando as taxas de juros aplicadas. Com um elevado grau de conhecimentos, e ampla visualização geral econômica, através das auditorias e avaliações os profissionais contadores, terão capacidade de interpretar, avaliar a utilização da aplicação do controle interno como ferramenta de gestão, na análise, em ameaças e oportunidades, identificando pontos fortes e fracos. (SILVA E PROENÇA, 2015).

2.3 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS E INDICADORES FINANCEIROS

As demonstrações contábeis, Conforme Conselho Federal de Contabilidade (CFC, 2010), devem representar a posição patrimonial e financeira de maneira confiável em suas transações e de acordo com os critérios de reconhecimento para ativos, passivos, receitas e despesas, bem como representar o desempenho e a demonstração do fluxo de caixa. Para Ching, Marques e Prado (2010), eles fornecem informações úteis para avaliar o desempenho financeiro em recursos, obrigações, transações que possam alterar a posição da mesma, avaliação de valores, tempo, certezas valores a receber, entre outros. No entendimento de Iudícibus (2010), o balanço tem a finalidade de apresentar a situação patrimonial da empresa em um determinado período, dentro dos critérios de avaliação, apresentando elementos do Ativo, Passivo e Patrimônio Líquido. Para Ching, Marques e Prado (2010), a demonstração de resultado do exercício é uma peça que “[...] mostra os resultados das operações do negócio em dado período

de tempo. Nela vemos os detalhes das vendas dos produtos e serviços aos clientes e das despesas em custo das vendas, despesas operacionais e não operacionais”.

Já, a demonstração dos fluxos de caixa – DFC, segundo Coelho e Lins (2010), permite demonstrar claramente as origens das entradas e saídas de recursos e aplicações de dinheiro, ou seja, movimentação transitada pelo caixa, em sequência identifica o resultado final do exercício da atividade operacional, de investimentos e de financiamentos. O objetivo da demonstração do patrimônio líquido – (DMPL), conforme Conselho Federal de Contabilidade (CFC, 2010, p. 34) é apresentar [...] “itens de receita e despesa reconhecidos no patrimônio líquido no período, os efeitos das mudanças de práticas contábeis e correção de erros reconhecidos no período, os valores investidos pelos proprietários e os dividendos e outras distribuições [...], durante o período”. Já Bruni (2011, p. 11), descreve que a DLPA – demonstração de lucros ou prejuízos “[...] revela a mutação da conta reserva de lucros ou prejuízos a recuperar durante o exercício social”. As notas explicativas segundo Baptista e Gonçalves (2004, p. 306), são utilizadas para esclarecer práticas contábeis adotadas pela entidade, assim como para apresentar explicações, ou seja, correções.

A partir de controles internos financeiros da organização, como as demonstrações contábeis é possível se fazer uma análise de situações as quais permitem uma visão da estratégia e dos planos da empresa analisada conforme Iudícibus (1998, p.84), “A análise de balanços deve ser entendida dentro de suas possibilidades e limitações. De um lado, mais aponta problemas a serem investigados do que indica soluções; de outro, pode transformar-se num poderoso “painel de controle” da administração”. Podendo ser utilizada para analisar riscos de crédito decorrentes, desempenho esperado ou mesmo monitorar o progresso da organização nos objetivos desejados.

Um das ferramentas mais utilizadas na análise de balanço são “Os indicadores econômicos – financeiros, que segundo (PADOVEZE, 2010, p. 213), [...] são cálculos matemáticos efetuados a partir do balanço patrimonial e da demonstração de resultados, procurando números que ajudem no processo de clarificação do entendimento da situação da empresa, [...]”. Os indicadores de liquidez servem para avaliar a capacidade de pagamento da entidade, ou seja, conforme entendimento de Marion (2002) avalia a capacidade de honrar seus compromissos e obrigações como quitação de empréstimos bancários, pagamento de fornecedores, de impostos, e outros, sendo avaliada tanto em: “longo prazo, curto prazo ou prazo imediato”. O indicador de endividamento segundo Padoveze (2010, p. 220), “[...] é

entendido como um parâmetro de garantia dos credores”. Sendo feita uma relação do que a empresa possui em patrimônio líquido, assim, verificando quanto esta tem para garantir o pagamento de suas dívidas referente ao giro e seus empréstimos futuros.

Os índices de atividades de acordo com Ching, Marques e Prado (2010, p. 110), demonstram a velocidade de giro de elementos do ativo durante o exercício, e são expressos em períodos de tempo, ou seja, através de dia, mês ou em giro ao ano: “giro dos estoques, prazo médio de renovação dos estoques, giro de contas a receber, prazo médio de recebimento e prazo médio de pagamento”. Já os indicadores de rentabilidade que Segundo Bruni (2011), buscam analisar a relação entre os lucros e as aplicações, ou seja, o retorno dos capitais investidos por sócios da própria entidade e por terceiros. E por fim, a lucratividade de uma empresa pode ser avaliada em relação a suas vendas, ativos, patrimônio líquido e ao valor da ação, conforme Ching, Marques e Prado (2010), ela identifica se a empresa está utilizando todos os seus ativos com eficiência tanto os de curto como de longo prazo, resultando em vendas rápidas. Quanto mais giro ocorrer no ativo, menos custos de empréstimos a empresa terá.

2.4 ESTUDOS RELACIONADOS

Comparando estudos relacionados ao tema, pode-se observar o quanto é importante às organizações possuir um sistema de gestão estruturado e com gestores qualificados para usufruir das ferramentas e auxiliar no processo da tomada de decisão. Em um dos estudos Rodrigues (2013), analisou as práticas e os problemas de gestão financeira nas micro e pequenas empresas do setor supermercadista. Dentre os principais resultados, como ponto positivo detectou que as empresas demonstram conhecer o custo e a margem de contribuição de seus produtos, aproveitam-se do ganho de escala e sabem onde estão seus gargalos financeiros. Por outro lado, diversos problemas ou falhas gerenciais foram detectados, os quais detêm controle e podem ser gerenciados, como falta de organização, falta de capital de giro e falta de conhecimentos técnico-gerenciais para conduzir o negócio.

Para Lima e Imoniana (2007) o objetivo foi de evidenciar o uso das ferramentas de controle gerencial que auxiliam no processo de tomada de decisão nas MPE industriais. Após a análise dos resultados, detectou-se que cerca de 40% dessas organizações está há mais de 20 anos no mercado, o que demonstra uma boa consolidação no mercado, sendo que, os empresários gerentes possuem uma forte formação superior o que pode trazer um diferencial

na gestão desses negócios. Portanto diante das análises efetuadas, conclui-se que a tomada de decisão nestas empresas está orientada pelo uso significativo das ferramentas de controle, e que também possuem um bom controle dos seus negócios contrariando o que se esperava.

Pinto *et al.*(2009) buscou identificar e conhecer os tipos de ferramentas utilizadas na gestão de finanças nas empresas do setor metal-mecânico, analisando como elas podem fornecer bases de suporte para a gestão financeira, além de auxiliar os gestores na realização de planejamentos financeiros e empresariais. Os resultados demonstraram as ferramentas mais utilizadas, a partir do uso de tipologias de demonstrativos contábeis para estimular o planejamento financeiro.

O artigo de Bieger e Scaramussa (2015) teve como objetivo identificar as práticas de gestão financeira constantes na teoria que as empresas de pequeno e médio porte podem utilizar no processo de gestão empresarial. A pesquisa mostrou a importância das práticas de gestão financeira para as empresas quando utilizadas no processo de gerenciamento e controle eficiente dos recursos financeiros, as quais auxiliam os gestores na tomada de decisão, no que tange ao controle, planejamento, orçamento, elaboração do fluxo de caixa, controles das contas a pagar e a receber das organizações.

3 METODOLOGIA

O objetivo deste estudo foi identificar quais os procedimentos adotados na gestão financeira das empresas do Município de Chapecó, SC. Para alcançar o objetivo da pesquisa utilizou-se o método dedutivo, o qual segundo Gil (1999) parte de um princípio verídico, possibilitando chegar a conclusões de maneira formal, exclusivamente de sua lógica. Como nível de pesquisa classifica-se como descritiva, conforme Silva (2006, p. 59) “tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”. No delineamento foi utilizado o Levantamento ou *Survey*, que de acordo com (BEUREN, 2006 *apud* GIL, 1999), é realizada uma interrogação das pessoas, das quais são absorvidas informações desejadas acerca de um problema estudado, e em seguida obtêm-se conclusões dos dados coletados através de análises efetuadas. Como Instrumento de coleta de dados utilizou-se o questionário adaptado do estudo de Rodrigues (2013). Para Silva (2006) o questionário são perguntas ordenadas de forma variada de situações que se deseja medir ou descrever, estes

devem ser escritos com clareza, tamanho, conteúdo e organização, de maneira que o informante possa ser motivado a respondê-lo.

A população alvo deste estudo foi composta pelas Micro e Pequenas Empresas de vários ramos do Município de Chapecó, SC. A amostra é representada por vinte e cinco Micro e Pequenas Empresas respondentes no total de trinta e cinco questionadas as quais são localizadas no Município de Chapecó, SC. A amostra foi classificada como amostra não probabilística por conveniência. Segundo Gil (2008, p. 94), possui menos rigor: “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo”. Foi utilizada neste estudo a técnica de análise e interpretação quantitativa, pois “quantificar opiniões, dados, na forma de coleta de informações, onde o investigador parte de conhecimentos prévios já estruturados e a partir deles formam hipóteses sobre os fenômenos e as situações que pretende investigar [...]”. (SILVA 2006, p. 28).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para atender os objetivos propostos no estudo, a pesquisa inicia-se envolvendo primeiramente os dados de perfil das empresas e de seus gestores, como: segmento de atuação, tempo de atividade, número de funcionários, faturamento, responsável pela gestão da empresa, o grau de escolaridade dos gestores e o tempo que possuem de experiência na área. A Tabela 01 apresenta o segmento de atuação das empresas pesquisadas.

Tabela 01- Segmento de atuação

Segmento	Frequência Absoluta (Qtde)	Frequência Relativa (%)
Comércio	14	56%
Indústria	1	4%
Serviços	3	12%
Comercio e Serviços	6	24%
Comércio e Indústria	1	4%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observa-se na Tabela 01 que das empresas pesquisadas 56% são do segmento do comércio, 4% atuam no segmento de indústria e 12% no segmento de Prestação de Serviços, sendo que, dentre as empresas pesquisadas algumas conciliam os ramos de atividade sendo que, 24% atuam com o segmento de comércio e prestação de serviços e outras 4% atuam no

segmento de comércio e indústria. A Tabela 02 apresenta o tempo de atividade das empresas pesquisadas.

Tabela 02- Tempo de atividade da empresas

Período	Frequência Absoluta (Qtde)	Frequência Relativa (%)
Até 1 ano	3	12%
De 1 a 3 anos	3	12%
De 4 a 6 anos	3	12%
De 7 a 10 anos	8	32%
Mais de 10 anos	8	32%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observa-se na Tabela 02, que os dados são bem significativos em relação à pesquisa do SEBRAE *apud* máximo (2014), a taxa de mortalidade das empresas com mais de dois anos de funcionamento corresponde a 24,6%. Sendo que na prática uma em cada quatro empresas fecham até dois anos após a criação, a maioria atribuída por má administração. Conforme resultado da pesquisa, nota-se que as empresas de um a seis anos de vida estão em um percentual de 12%, menor que de sete a dez anos que estão com 32%, e outras 32% que já estão ultrapassando dez anos de vida. Índice considerado favorável para as empresas que possuem de um a três anos de vida se manterem no mercado, estas que já ultrapassaram uma média de vida.

A Tabela 03 apresenta o número de funcionários que trabalham nas empresas.

Tabela 03- Número de funcionários que trabalham na empresa

Número de funcionários	Frequência Absoluta (Qtde)	Frequência Relativa (%)
De 0 a 9	19	76%
De 10 a 19	3	12%
De 20 a 29	1	4%
De 30 a 39	0	0%
De 40 a 49	2	8%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Em relação ao número de funcionários, observa-se na Tabela 03, que na maioria das empresas chegam a ter no máximo nove empregados ficando em 76%, enquanto que 12% possuem de dez a dezenove funcionários, 8% de quarenta a quarenta e nove e apenas 4% de vinte a vinte e nove funcionários. Em relação à pesquisa, o maior índice de funcionários estão enquadrados nas Micro Empresas, uma vez que esta deve possuir até nove colaboradores e

Empresas de Pequeno Porte com mais de nove colaboradores. A Tabela 04 apresenta o faturamento anual médio das empresas pesquisadas.

Tabela 04- Faturamento anual médio da empresa

Faturamento	Frequência Absoluta (Qtde)	Frequência Relativa (%)
Até R\$ 60.000,00	3	12%
De R\$ 60.000,00 até R\$ 120.000,00	2	8%
De R\$120.001,00 até R\$ 180.000,00	2	8%
De R\$ 180.000,01 até R\$ 240.000,00	6	24%
De R\$ 240.001,00 até R\$ 300.000,00	4	16%
De R\$ 300.001,00 até R\$ 360.000,00	2	8%
De R\$ 360.001,00 até R\$ 3.600.000,00	6	24%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Segundo SEBRAE (2015), o nível de faturamento dos segmentos é classificado como: Micro Empreendedor Individual- com faturamento até R\$ 60.000,00 anual; Microempresa- até R\$ 360 mil; Empresa de Pequeno Porte- R\$ 360 mil e R\$ 3,6 milhões. Verifica-se que os resultados apresentados na Tabela 04 que, 24% das empresas faturam até R\$ 3.600.000,00, outras 24% até R\$ 240.000,00, as restantes faturam menos de R\$ 180.000,00 no ano. Sendo que destas apenas 12% encontra-se no nível de micro empreendedor. A Tabela 05 apresenta o responsável pela gestão financeira das empresas.

Tabela 05- Responsável pela gestão financeira da empresa

Responsável	Frequência Absoluta (Qtde)	Frequência Relativa (%)
Um dos sócios com capacitação em gestão financeira	10	40%
Um dos sócios sem capacitação em gestão financeira	11	44%
Um diretor/ gerente financeiro contratado	0	0%
Um escritório contratado	3	12%
Outro, qual?	1	4%
Total		100%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observa-se na Tabela 05, que os responsáveis pela gestão financeira das empresas ficaram em um patamar estável entre os 40% dos sócios administradores que possuem capacitação em gestão financeira e 44% que não possuem capacitação em gestão financeira, os demais 12% contrata escritórios terceiros para cuidar suas finanças e outros que apenas 4% administram e são proprietários. Verifica-se que na maioria os gestores administram e conduzem a gestão financeira da empresa sem ter uma mínima qualificação e conhecimentos

na área ou mesmo uma visão estratégica. A Tabela 06 apresenta o grau de escolaridade do responsável pela gestão financeira.

Tabela 06- Grau de escolaridade do responsável pela gestão financeira da empresa

Escolaridade	Frequência Absoluta (Qtde)	Frequência Relativa (%)
Ensino fundamental incompleto	1	4%
Ensino fundamental completo	2	8%
Ensino médio completo	8	32%
Ensino superior completo. Qual curso?	11	44%
Pós- Graduação. Qual curso?	2	8%
Mestrado. Qual curso?	1	4%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Conforme apresentado na Tabela 06, o índice torna favorável para a continuidade das empresas no mercado, devido alguns gestores e profissionais possuírem um estudo, um conhecimento específico na sua área de atuação. Em nível de mestrado apenas 4%, superior 44% dos gestores possuem graduação completa e 8% possuem pós-graduação, em seguida 32% possuem o ensino médio completo, os demais 8% tem ensino fundamental completo e 4% incompleto. Porém observa-se que alguns negócios das empresas são administrados por profissionais formados na área de farmacêutico, engenheiro mecânico, direito. Isso mostra que a gestão do negócio nem sempre é conduzida por um profissional da área de gestão, isso pode prejudicar o desempenho econômico e financeiro da empresa. A Tabela 07 apresenta o tempo de experiência do responsável pela gestão financeira.

Tabela 07- Experiência profissional na área financeira de uma empresa

Período	Frequência Absoluta (Qtde)	Frequência Relativa (%)
Nenhuma experiência	1	4%
Experiência de até 1 ano	6	24%
Experiência de 1 a 3 anos	2	8%
Experiência de 3 a 5 anos	3	12%
Experiência maior que 5 anos	13	52%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Ao serem analisados os gestores pelo tempo de experiência profissional na área, conforme Tabela 07, verifica-se que 52% tem mais de cinco anos de experiência, enquanto que 24% não chega a ter um ano de experiência na área de gestão financeira, outros 12 % tem mais de três anos, 8% alcançaram um ano ou mais e 1% não possuem nada de experiência na área.

Conciliando com o tempo de vida das empresas, pode-se dizer sobrevivem de uma maneira estável, as quais passaram de gerações a gerações ou mesmo são empresas familiares, onde os gestores possuem pouco conhecimento ou experiência na área de gestão financeira as quais administram, tendo menos chances de acompanhar o mercado atual e suas tecnologias. Em sequência, nas tabelas abaixo foram apresentados os procedimentos adotados na gestão financeira das empresas pesquisadas. A Tabela 08 apresenta os procedimentos de organização e controle:

Tabela 08- Organização e Controle

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Controlamos o patrimônio imobilizado da empresa e seu responsável			3	6	7	9
Nossa empresa controla o estoque, e o giro médio do grupo de produto		1	1	7	7	9
Nossa empresa possui todos os relatórios dos procedimentos financeiros da empresa úteis para a tomada de decisão	5	1	4	3	6	6

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

De acordo com os procedimentos de organização e controle, as empresas pesquisadas foram questionadas se controlam seu patrimônio imobilizado e se sabe quem responde por ele. Observa-se que, na Tabela 08 maior parte de controle nas empresas se concentra entre as escalas de 4 a 5, sendo que, das vinte e cinco empresas pesquisadas, nove (36%) concordam que tem controle total de seu patrimônio imobilizado e sabem exatamente quem responde por ele, já sete (28%) e seis (24%) empresas tem um controle menos eficiente, as demais três (12%) demonstram não ter controle e quase nem saber quem é o responsável pelo patrimônio da empresa. Em relação ao controle de estoque e o giro médio dos produtos, demonstram que as empresas concordam em controlar seus estoques, onde nove 36% controlam totalmente seus estoques acompanhando as tendências e necessidades dos clientes, e apenas uma (4%) não dá devida importância. Como suporte na tomada de decisão foi identificado a existência de todos os relatórios financeiros em seis (24%) empresas, sendo que outras seis possuem partes dos mesmos e as restantes indicam não possuir nenhum relatório, ou mesmo nem possuem conhecimento deste tipo de ferramenta. A Tabela 09 apresenta os procedimentos de análise de crédito.

Tabela 09- Análise de crédito

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5

Nossa empresa conhece seu poder de pagamento			2	2	5	16
Nossa empresa tem ótimo relacionamento com o(s) gerente(s) dos bancos	1	1	2	1	6	14
Nossa empresa concede crédito aos clientes baseada na sua confiança	5	3	4	7	3	3
Utilizamos informações fornecidas pelas empresas de proteção ao crédito tipo (SPC, Serasa, etc.) antes de conceder crédito aos clientes	4	3	1		2	15
Utilizamos um programa computacional (software) para conceder crédito aos clientes	7	4	2	2	1	9
Analizamos a renda do cliente antes de lhe conceder crédito	8	7	3	1	1	5

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observando a Tabela 09, verificou-se que as empresas estão cientes ao adquirirem bens, matérias primas, entre outras, pois a maioria delas (16, 5), se avaliou com quatro e cinco, demonstrando conhecer bem o seu poder de pagamento ou a menos quando é necessário saber, outras duas (8%) delas a minoria não dá devida importância. Ao serem atendido em agências financeiras onde são clientes, as vinte empresas na escala de 4 e 5, se destacam por ter ótimo relacionamento com os gerentes dos bancos. Em relação a política de crédito, ainda predominam nas empresas a liberação de compras através conhecimento e pela confiança do cliente, mas há várias discordâncias, pois para se ter uma garantia de recebimentos é necessário que faça uma análise do cliente, a predominância é maior pois nove empresas pesquisadas (36%) adotam um sistema de software e quinze empresas (60%) utiliza um sistema de proteção ao crédito como: SPC e SERASA antes de conceder créditos aos clientes. A Tabela 10 apresenta os procedimentos de análise de custos e formação de preço.

Tabela 10- Análise de custos e formação de preço

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Nossa empresa sabe exatamente quanto custa cada um de nossos produtos	1		1	2	5	16
Sabemos quanto o produto está custando além das nossas possibilidades	1	1	2	3	8	10
Levamos em conta os custos diretos e indiretos para estabelecer o preço dos produtos	4	1	5	2	4	9
Determinamos o preço dos produtos baseado nos preços da concorrência	6	4	1	2	4	8
Nossa empresa determina o preço dos produtos estabelecendo uma margem fixa sobre as vendas (taxa <i>mark-up</i>)	5	3	4	8	2	3

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Conforme Tabela 10, as empresas estão se preocupando com seus custos, dezesseis (64%) demonstram saber exatamente o custo de cada produto, sendo que apenas uma ou duas não acham relevante, outras dezoito empresas na escala de 4 e 5 demonstram possuir maior interesse em saber o que estão pagando além de suas possibilidades. Além de nove empresas

(36%) irem além e considerar os custos diretos e indiretos para a formação do preço de seus produtos. Lembrando que, mesmo concordando com algumas alternativas alguns gestores tem apenas uma base dos valores, possuem dúvidas ou incertezas devido à falta de uma análise mais profunda. Outras empresas ficam neutras, e oito delas (24%) não consideram os custos tendo como base o valor da concorrência, mesmo que seu ganho seja menor. As que determinam o preço dos produtos estabelecendo uma margem fixa sobre as vendas são apenas três (12%), enquanto que oito (32%) delas concordam parcialmente, ou tem apenas seu conhecimento. A Tabela 11 apresenta os procedimentos de planejamento, orçamento e controle.

Tabela 11- Planejamento, orçamento e controle

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Nossa empresa elabora um planejamento financeiro, definindo um orçamento para todas as etapas e itens do planejamento.	7	5	4	3	2	4
Nossa empresa monitora o planejamento financeiro, ajusta e atualiza de acordo com as novas informações	7	6	3	2	3	4
Comparamos as previsões do planejamento financeiro com os resultados reais obtidos.	5	5	5	3	3	4

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observa-se na Tabela 11, que a certa acomodação dos gestores das empresas pesquisadas em construir um planejamento, envolvendo o orçamento e o acompanhamento dos mesmos, onde em um grau de discordância sete empresas (28%) indicam que não fazem nenhum tipo de planejamento e nem mesmo acompanham os ajustes de orçamentos e atualizações de acordo com as necessidades futuras. Poucas é que realizam ou acompanham um planejamento bem elaborado, sendo apenas quatro empresas (16%). Verifica-se que a falta de planejamento pode implicar nas finanças e na continuidade da empresa, esta que por sua vez não pode controlar seus gastos ou até mesmo acompanhar os resultados esperados, provindos de investimentos, e outros. A Tabela 12 apresenta os procedimentos de análise de capital de giro.

Tabela 12- Análise de capital de giro

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Sabemos exatamente o valor e os vencimentos de contas a pagar	1		2	1		21
Sabemos exatamente o valor e os vencimentos de contas a receber	1		2	1	2	19
Calcula o prazo médio de pagamento aos fornecedores	1	1	5	4	4	10
Calcula o prazo médio de recebimento dos clientes	1		4	10	4	6

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Com relação a Análise de capital de giro, conforme indicado na Tabela 12, mostra que um total de vinte e uma empresas pesquisadas (84%) sabem exatamente o vencimento de suas contas a pagar, e dezenove (76%) sabem exatamente o vencimento de suas contas a receber. Portanto, nas afirmativas a uma queda no cálculo do prazo médio para pagar fornecedores, onde dez (40%) empresas concordam totalmente e as outras possuem uma base fictícia de estimativa, as demais discordam ou não tem nenhum conhecimento destas análises, devendo elas estar enfrentando dificuldades, pois se não fazer uma estimativa no prazo médio de receber dos clientes afetará no pagamento dos fornecedores. A Tabela 13 apresenta os procedimentos de avaliação de investimentos e financiamentos.

Tabela 13- Avaliação de investimentos e financiamentos

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Estudamos sobre a atratividade dos projetos em que a empresa investe	3	5	3	7	3	4
Estudamos fontes de financiamento para desenvolver os projetos	3	5	6	4	3	4
Fazemos um estudo da necessidade futura de capital de giro ao longo da vida útil dos projetos escolhidos	5	3	4	3	5	5

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observa-se na Tabela 13, em relação às questões de estudos sobre a atratividade de projetos, fontes de financiamentos e necessidade de capital de giro, que o grau de concordância e discordância estão em um mesmo nível, partes das empresas na escala de 4 a 5, afirma estudar sobre a atratividade dos projetos futuros, estudam as fontes de financiamentos mais viáveis e verificam a necessidade de capital de giro futura. O que fica no ar é como estas empresas fazem estes estudos se maioria despreza o planejamento e pouco conhecem ferramentas de análise de custos, ou de outros. Destas, uma média de oito empresas (32%) desconhecem a avaliação ou não utilizam. A Tabela 14 apresenta os demonstrativos, indicadores e métodos.

Tabela 14- Demonstrativos, indicadores e métodos

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Balancete	1		1	4	8	11
Balanço Patrimonial.	1		1	3	9	11
Demonstrativo do Resultado do Exercício (DRE).	1	0	2	1	8	13
Demonstrativo do Fluxo de Caixa (DFC).	1		2	4	8	10
Índices de Atividade (prazo médio de estocagem, de cobrança e pagamento aos fornecedores).	2	6	4	3	5	5
Índices de Rentabilidade e Lucratividade (giro do ativo, margem operacional e líquida, rentabilidade do ativo e do patrimônio líquido).	2	9	4	3	5	2
Índices de Liquidez (liquidez geral, corrente, seca e imediata).	2	7	6	2	4	4

Indicadores de endividamento (participação de capitais de terceiros, composição do endividamento, imobilização do patrimônio líquido).	4	6	3	3	4	5
Ciclo Operacional.	4	7	3		8	3
Ciclo Financeiro.	4	6	4	0	8	3
Ponto de Equilíbrio.	4	7	2	3	5	4
Pay-Back (Tempo de Retorno do Investimento).	6	8	3	2	5	1
Valor Presente Líquido (VPL).	6	7	1	2	6	3
Taxa Interna de Retorno (TIR).	6	8		2	8	1
Índice de Lucratividade (IL).	5	7	2	1	6	4

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Verifica-se na Tabela 14, que as empresas utilizam mais os demonstrativos obrigatórios no final de seus exercícios, uma média de onze empresas concordam, ou possuem o balancete, o balanço patrimonial, as demonstrações dos resultados de exercícios e o fluxo de caixa. As demais ficam em uma escala menor, demonstrando ter conhecimento e utilizar parcialmente, ou quando obrigatório. E, apenas uma empresa (4%) houve discordância, esta que por vez contrata serviços de terceiros ou escritórios e não dá muita relevância para estes instrumentos, o que acaba perdendo informações precisas para a tomada de decisão. Já em relação aos índices de atividade, cinco empresas (20%), utiliza este instrumento, ou seja verifica quanto tempo ficam estocado seus produtos, quanto tempo leva para cobrar clientes e pagar seus fornecedores, em um mesmo patamar na escala 4 utilizam este instrumento mas em parcial.

Grande concentração de discordância na escala de 0 a 3, das empresas pesquisadas não utilizam o índice de rentabilidade e lucratividade, apenas duas (8%) concordam, assim como os índices de liquidez são pouco aproveitadas pelas empresas, se concentrando a maioria na escala 2, e os de endividamento na escala 1, o que significa falta de gestor qualificado para absorver informações dos instrumentos a respeito de quanto sua empresa tem em caixa para pagar tal dívida, ou com quanto ela comprometeu com seu patrimônio, entre outros.

Ressaltando também que oito empresas (32%), concordam parcial com o ciclo operacional e financeiro, outras ficam em escala menor, assim como o ponto de equilíbrio mais empresas discordam e outras concordam mais em escala menor. Na análise de investimentos, apenas uma (4%) empresa demonstra analisar o tempo de retorno de seus investimentos e a lucratividade parcialmente, oito (32%) empresas costumam analisar as taxas mais atrativas para seus investimentos, enquanto na escala de 0 a 3, não utilizam estas análises acima, nem verificam o valor do presente líquido, ou não tem conhecimento dos benefícios que pode trazer. Conforme Rodrigues (2013), “Deixar de utilizar ferramentas úteis como as que foram abordadas podem significar inoperância e sofrer perdas irreparáveis”. A Tabela 15 apresenta os procedimentos de resultados econômicos e financeiros.

Tabela 15- Resultados econômicos e financeiros

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Nossa empresa sabe qual a margem de contribuição de cada produtos	2	4	4	6	5	6
Aproveitamos do ganho de escala	2	3	5	6	8	1
Sabemos exatamente onde estão nossos gargalos financeiros		1	4	6	8	6

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Sobre os resultados econômicos e financeiros, conforme Tabela 15, o grau de concordância se concentra maior parte na escala 4, as oito (32%) das empresas demonstram parcialmente aproveitar de seus ganhos, reduzindo seus custos e sabem onde estão seus gargalos financeiros. Já, quanto a margem de contribuição de cada produto seis empresas (24%), concordam totalmente que sabem, este que após descontando seus custos são gerados. Outras ficam neutras na escala de 0 a 2, não sabem ou discordam por falta de entendimento destas ferramentas. A Tabela 16 apresenta a relevância das informações contábeis e financeiras.

Tabela 16- Relevância das informações contábeis e financeiras

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Nossa empresa elabora relatórios gerenciais a partir das informações contábeis e financeiras.	2	1	4	6	6	6
Utilizamos as informações contábeis e financeiras para formular as estratégias e tomar as decisões.		1	2	8	6	8

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Analisando a Tabela 16, verifica-se que as empresas concordam em maior escala na elaboração de seus relatórios financeiros, ficando constante de 3 a 5 na escala, sendo que doze (48%) empresa concordam em parcial e seis (24%) concordam totalmente em elaborar seus relatórios. Sendo questionadas sobre esses relatórios oito (32%) empresas utilizam para formular suas estratégias e tomar suas decisões. As demais ficam em uma escala de 4 abaixo, dando a entender que utilizam raramente quando necessário ou nem utilizam. A Tabela 17 apresenta os problemas financeiros das empresas.

Tabela 17- Problemas financeiros

GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA EM RELAÇÃO A EMPRESA	DISCORDO			CONCORDO		
	0	1	2	3	4	5
Nossa empresa enfrenta dificuldades ou restrições de crédito no mercado.	14	4	3		2	2
Nossa empresa arca com uma carga tributária elevada	1	5	10	4		5
Temos problemas relacionados à falta de capital de giro.	8	4	2	8	3	
A conjuntura econômica (crise financeira) tem prejudicado a nossa empresa	2	4	8	5	5	1
Nossa empresa enfrenta uma elevada concorrência.		4	2	6	6	7

Temos problemas relacionados à falta de organização.	8	6	2	4	2	3
Temos problemas relacionados à falta de conhecimentos técnico-gerenciais para conduzir o negócio.	10	3	2	3	3	4

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Observa-se na Tabela 17, indica que quatorze (56%) empresas, ou seja a maioria não sofre com restrições no mercado, apenas duas (8%), possuem restrições enfrentando assim dificuldades de seu crescimento e desenvolvimento. Para as empresas em grande parte a carga tributária foi grau de discordância, sendo que cinco (20%) empresas concordam pagar elevada carga de tributos e apenas uma (8%) discorda totalmente. Apesar das diversas falhas gerenciais, algumas demonstram não sofrer por falta de capital de giro, mas na escala de 3 a 4, demonstram passar por situações de aperto, ou falta do capital de giro. Diante desta crise, as micro e pequenas empresas pouco foram prejudicadas. Muitas empresas concordam com elevada concorrência, mesmo que em parcial devido grande parte delas serem do segmento do comércio.

Demonstram não ter problemas relacionados com a falta de organização em sua empresa com uma total discordância de oito (32%) empresas, as demais concordam em parcial. Assim como dez (40%) empresas demonstram não ter problemas relacionados com a falta de conhecimentos técnicos gerenciais, outras concordam em parcial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi identificar quais os procedimentos adotados na gestão financeira das empresas do Município de Chapecó, SC. Portanto, desenvolveu-se uma pesquisa através de questionário distribuído aos gestores das Micro e Pequenas Empresas, a fim de coletar informações úteis para responder os objetivos propostos.

O objetivo pode ser atendido devido a colaboração das empresas em responder as questões a elas expostas. Inicialmente foi traçado o perfil das empresas e de seus gestores. Sendo que, de um total vinte e cinco empresas pesquisadas, 56% são do segmento do comércio, 4% no segmento de indústria e 12% no segmento de Prestação de Serviços, 24% atuam com o segmento de comércio e prestação de serviços e outras 4% atuam no segmento de comércio e indústria. Dentre estas empresas a maioria se enquadra como Micro Empresas e Empresas de Pequeno Porte, o índice de se manter no mercado torna favorável em sua maioria devido a maioria ter passado seus dois anos de vida útil mesmo que, algumas sobrevivam de uma maneira

estável ainda tem oportunidades de crescimento e desenvolvimento, tendo como vantagem competitiva gestores com formação acadêmica superior e capacitação em gestão financeiras. Observando que, nem sempre as finanças da empresa são conduzidas por um profissional da área de gestão, podendo prejudicar seu desempenho econômico e financeiro.

Na sequência, foi identificado os procedimentos adotados na gestão financeira das empresas pesquisadas. Em relação aos procedimentos de organização e controle, as empresas pesquisadas concordam na maioria ter controle total de seu patrimônio imobilizado e sabem exatamente quem responde por ele, algumas possuem controle parcial de estoque e relatórios financeiros, sendo que apenas uma nem conhecimento possui desse “dito instrumento”. Portanto, na análise de crédito, demonstram conhecer bem o seu poder de pagamento, possuem ótimo relacionamento com os gerentes de bancos, com discordâncias mais elevadas no quesito baseado na confiança dos clientes, predominando a utilização de um sistema de software e ou um sistema de proteção ao crédito como garantias de recebimento.

Em relação a análise de custos e formação de preço, as empresas demonstram conhecer o custo de seus produtos, que mesmo em grau de concordância alguns gestores tem apenas uma base dos valores, possuem dúvidas ou incertezas devido à falta de uma análise mais profunda. Verificou certa acomodação por parte dos gestores no planejamento, orçamento e controle. Com um grau de discordância elevado, onde sete empresas (28%) indicam que não fazem nenhum tipo de planejamento e nem mesmo acompanham os ajustes de orçamentos e atualizações de acordo com as necessidades futuras. Verifica-se que a falta de planejamento pode implicar nas finanças e na continuidade da empresa, esta que por sua vez não pode controlar seus gastos ou até mesmo acompanhar os resultados esperados, provindos de investimentos, e outros. Na Análise de capital de giro, maioria mostra saber exatamente o vencimento de suas contas a pagar e a receber. Portanto, se não fazer uma estimativa no prazo médio de receber dos clientes afetará no pagamento dos fornecedores.

Por isso, a importância de manter uma reserva financeira, evitando eventuais problemas futuros, quanto maior a reserva, menor as possibilidades de crise, lembrando que, uma boa gestão e um bom planejamento de caixa aumenta a eficiência no uso das disponibilidades. As empresas afirmam realizar um estudo sobre a atratividade dos projetos de investimentos futuros, sobre as fontes de financiamentos mais viáveis e verificam a necessidade de capital de giro futura em menor escala. Sobre os resultados econômicos e financeiros, o grau de concordância se concentra entre oito (32%) empresas as quais demonstram parcialmente aproveitar de seus

ganhos, reduzindo seus custos e sabem onde estão seus gargalos financeiros e algumas parcialmente conhecem a margem de contribuição de cada produto. Verificou também, que as empresas utilizam mais os demonstrativos obrigatórios no final de seus exercícios, como o balancete, o balanço patrimonial, as demonstrações dos resultados de exercícios e o fluxo de caixa. As demais ficam em uma escala menor, demonstrando ter menos conhecimento e utilizar parcialmente, ou quando obrigatório.

Já, em relação aos índices de atividade, poucas empresas utilizam e em parcial este instrumento. Grande concentração de discordância em não utilizar o índice de rentabilidade e lucratividade, apenas duas (8%) empresas concordam, assim como os índices de liquidez e endividamento são pouco aproveitadas pelas empresas. Outros demonstrativos pouco utilizados pelas empresas são o do ciclo operacional, o ciclo financeiro e o ponto de equilíbrio, em escala de maior discordância. Sendo que apenas uma (4%) empresa demonstra analisar o tempo de retorno de seus investimentos e a lucratividade parcialmente, outras analisam as taxas mais atrativas para seus investimentos, enquanto outras não utilizam estas análises, nem verificam o valor do presente líquido, ou não tem conhecimento. As empresas concordam em maior escala na elaboração de seus relatórios financeiros, sendo na maioria utilizam para formular suas estratégias e tomar suas decisões.

A respeito dos problemas financeiros, pouca são as empresas que sofrem com restrições de crédito no mercado, ou arcam com cargas elevadas de tributos. Apesar das diversas falhas gerenciais, algumas empresas demonstram não sofrer por falta de capital de giro e não ser prejudicadas com a crise. As empresas demonstram não ter problemas relacionados com a falta de organização e em concordância parcial não ter falta de conhecimentos técnicos gerenciais.

Portanto, diante deste contexto, as Micro e Pequenas Empresas necessitam mais do que nunca gestores qualificados e experientes na área da gestão financeira, pois, como a globalização acirrada nos país, a empresa também sofre muitas influencias. Diante deste exposto, Attie, *apud* Silva e Proença, 2015. P. 07) definem que “Um sistema de controle interno bem desenvolvido pode incluir o controle orçamentário, custos padrão, relatórios operacionais periódicos, análises estatísticas, programas de treinamento de pessoal e, inclusive, auditoria interna”. De acordo com o autor Verifica-se que estes, agregaram valores para a organização, conduzindo ao cumprimento da missão para a qual foi constituída, a adaptabilidade e o equilíbrio necessário para continuidade da mesma.

REFERÊNCIAS

BIEGER, Marlene; SCARAMUSSA, Sadi Alberto. **Práticas de gestão financeira para as empresas de pequeno e médio porte como ferramentas de gestão.** Disponível em: <http://www.urisaoluiiz.com.br/anaisdocoloquio/divulgacao-final/trabalhos/MARLENE%20BIEGER.pdf>. Acesso outubro 2015.

BRUNI, Leal Adriano. **A Análise Contábil e Financeira.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. (Série desvendando as finanças; v. 4).

CATELLI, Armando. **Uma Abordagem da Gestão Econômica– GECON.** 2º. ed. – 7. Reimp. –São Paulo: Atlas, 2009.

CHING, Hong Yuh; MARQUES, Fernando e PRADO, Lucilene. **Contabilidade e Finanças:** Para não especialistas. 3. ed. São Paulo: Pearson Prenrice Hall, 2010.

COELHO, Claudio Ulysses Ferreira e LINS, Luiz dos Santos. **Teoria da Contabilidade:** Abordagem Contextual, Histórica E Gerencial. Elaborado conforme as Leis nº 11.638/07 e 11.941/09 e pronunciamentos do CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis). – São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5º ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Eugênio Celso e BAPTISTA, Antônio Eustáquio. **Contabilidade Geral.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

IUDICIBUS, Sergio de.et al. **Contabilidade Introdutória:** Atualizada de Acordo com as Leis Nº 11.638/07 e Nº 11.941/09. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. Sergio de. **Análise de Balanços.** Análise da liquidez e do endividamento, Análise do giro, rentabilidade e alavancagem financeira. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

JUNIOR, Antônio Barbosa Lemes; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIM, Ana Paula. **Administração Financeira: Princípios, Fundamentos e Práticas Brasileiras.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

LACOMBE, Francisco; HEILBORN, Gilberto. **Administração:** (Princípios e Tendências). 1º. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

LIMA, Amadeu Nascimento; IMONIANA, Joshua Onome. **Um Estudo Sobre a Importância do uso das ferramentas de controle Gerencial nas Micro, Pequenas e Médias Empresas Industriais no Município de São Caetano do Sul.** Disponível em: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=626. Acesso em julho de 2015.

MARION, José Carlos. Análise das Demonstrações Contábeis: **Contabilidade Empresarial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanços**: Abordagem Gerencial. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NOBREGA, Clemente. A Ciência da Gestão (Marketing, Inovação, Estratégia): **Um Físico Explica a Gestão: A Maior Inovação do Séc. XX como uma ciência**. 2º. ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

PADOVEZE, Luís Clóvis. **Contabilidade Gerencial**: Um enfoque em sistema de Informação Contábil. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PACHECO, Fábio Isacksson, et. al. **Gestão Do Conhecimento**. 2013. Disponível em: <http://www.ceap.br/artigos/art05102011172353.pdf>. Acesso em setembro 2015.

PINTO, Paulo Romero Strini *et al.* Ferramentas Utilizadas Na Gestão Financeira: Um Estudo Multi-Casos Em Empresas Do Setor Metal-Mecânico. In: XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2009, Salvador, **Anais Eletrônicos...** Salvador, BA: Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_TN_STP_093_628_14670.pdf. Acesso em outubro 2015.

PORTAL BRASIL. **Empresa Familiar E Profissional**. Disponível Em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/02/empresa-familiar-e-profissional>. Acesso novembro 2015.

RODRIGUES, João Paulo Lima. **Gestão financeira em Micro e Pequenas Empresas: Um Estudo no Setor Supermercadista de Mossoró- RN**. Disponível em: http://www.pos.unp.br/administracao/dissertacoes_2013/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20Paulo%20vers%C3%A3o%20Final_revisada.pdf. Acesso em julho 2015.

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. São Paulo: Atlas, 2001.

SANTOS, Luiz dos et al. **Fundamentos da Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2005, V.6. (coleção resumos de contabilidade).

SEBRAE: **Gestão de pessoas**: Conceito, importância, relação com os outros sistemas de organização, 01/02/2011. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/momento/quero-abrir-um-negocio/que-negocio-abrir/tipos/empresa-familiar/317-e-importante-planejar-a-sucessao-na-empresa-familiar/bia_317. Acesso em setembro 2015.

SEBRAE: **Perfil dos pequenos negócios**: Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/Quem-s%C3%A3o-os-pequenos-neg%C3%B3cios%3Fdestaque,5. Acesso dezembro 2015.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da Pesquisa Aplicada a Contabilidade:** orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses. 2^aed. São Paulo: Atlas, 2006.

SILVA, Jaqueline Maria da; PROENÇA, João Santana de. **A Importância Do Controle Interno nas Empresas de Pequeno Porte - Estudo de Caso: Mr3 Mineração Ltda Epp.** Disponível em:

http://www.univag.edu.br/adm_univag/modulos/producoes_academicas/arquivos/a_importancia_do_controle_interno_nas_empresas.pdf. Acesso em outubro 2015.